

## IMAGENS DE NEGROS NO BRASIL OITOCENTISTA: *REVISTA ILUSTRADA* (1876-1898)

Benedita de Cássia Lima SANT'ANNA<sup>1</sup>

**Resumo:** Lançada em janeiro de 1876 pelo caricaturista ítalo-brasileiro Ângelo Agostini, a *Revista Ilustrada* pretendia corrigir os erros e costumes sociais ridicularizando-os em caricaturas e crônicas elaboradas com comicidade. Disseminadora de teses liberais como o fim da escravidão, a proclamação da República, o incentivo ao desenvolvimento do setor industrial e à lavoura, a revista divulgou inúmeras charges sobre o negro, ou se referindo ao negro, nas quais denunciava abusos relacionados à manutenção do elemento servil e, conseqüentemente, expunha razões humanitárias, culturais e econômicas para propagação do pensamento abolicionista. Este artigo tem por objetivo refletir sobre algumas dessas imagens, revisitando o pensamento que expressam, bem como se elas são imagens organizadas pelo humor e/ou com humor, ou, se no caso específico das imagens de negros divulgadas na *Revista Ilustrada*, o recurso humorístico não é encontrado. Procura ainda investigar quais os elementos presentes em tais imagens que, ainda hoje, aguçam o interesse de pesquisadores da cultura, da literatura, da história e da sociedade oitocentista brasileira.

**Palavras-chave:** Século XIX. Charges e caricaturas. *Revista Ilustrada*. Negro.

## IMAGES OF BLACKS IN THE NINETEENTH CENTURY BRAZIL: *REVISTA ILUSTRADA* (1876-1898)

**Abstract:** Launched in January 1876 by the Italian-Brazilian cartoonist Angelo Agostini, the *Revista Ilustrada* magazine intended to correct errors and social customs by ridiculing them in caricatures and chronicles elaborated with humor. A disseminator of liberal theses such as the end of slavery, the proclamation of the Republic and the encouragement of industrial and farming development, the magazine published numerous cartoons about the blacks, or referring to the blacks, in which abuses related to the maintenance of the servile element were denounced and, therefore, it exposed humanitarian, cultural and economical reasons to spread the abolitionist thought. This article aims to reflect on some of these images, revisiting the thought that they express, as well as if they are images organized by humor and / or with humor or, if in the specific case of the images of blacks released in the *Revista Ilustrada* magazine, the humorous feature is not found. It also seeks to investigate what are the elements present in such images which, even today, excite the interest of culture, literature, history and the Brazilian nineteenth-century society researchers.

**Keywords:** Nineteenth century. Cartoons and caricatures. *Revista Ilustrada*. Blacks.

### Introdução

Desde janeiro de 1876, data em que foi lançada, até 13 de maio de 1888, quando foi sancionada a lei Áurea, a *Revista Ilustrada*, publicação política, satírica, abolicionista e republicana criada pelo caricaturista ítalo-brasileiro Ângelo Agostini (1843-1910), constituiu-se em verdadeiro palco de denúncia e debates relacionados às questões humanitárias, sobretudo no que diz respeito aos desmandos dos senhores escravocratas e à aceitação ou indiferentismo da sociedade, do clero e do governo que agia em prol da permanência do regime para atender aos interesses dominantes, ou seja,

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo, Pós-doutora em Letras pela UNESP/Campus Assis - FAPESP (2010) e pela Universidade Federal do Paraná – UFPR/CAPES (2016).

das classes conservadoras, e garantir a ordem geral, tendo em vista que uma abolição brusca promoveria uma grande revolta social por parte daqueles que adquiriram riqueza graças à mão de obra escravizada.

Responsável pela realização de trabalhos braçais que exigiam grande esforço físico, durante o início da colonização (por volta de 1550) até boa parte do século XIX, o negro foi aqui considerado e tratado como animal, por senhores proprietários de escravos e mesmo por membros mais desprovidos da sociedade que viam na realização do labor físico a necessidade da mão de obra negra. A *Revista Ilustrada* opôs-se a essa forma de tratamento dispensado aos negros, denunciou-a para os membros da sociedade brasileira oitocentista, a qual, no que se refere aos interesses econômicos proporcionados pela exploração do negro, era majoritariamente escravocrata, por intermédio da divulgação em crônicas e, sobretudo, por intermédio de litografias desenhadas pelo seu idealizador, Ângelo Agostini.

Ao fazer isso, procurou relacionar as imagens de negros escravizados nela inserida a problemas sociais e políticos, buscando instigar nas ruas, nos lares, nas praças, nas câmaras, nos gabinetes do governo e em todos demais lugares em que a *Revista Ilustrada* fosse lida ou recebida, a transformação, ainda que paulatinamente, do pensamento corrente acerca da escravidão e do trabalho no país, sobretudo do trabalho pesado realizado junto às monoculturas (fazendas de café e cana-de-açúcar) e à exportação de produtos, bem como do trabalho doméstico e em pequenos comércios como a venda de legumes realizada pelas quitandeiras (escravas de ganhos e/ou libertas) e, ademais, a prestação de serviços realizados por artesões, carregadores, barbeiros, mucamas, amas de leite, babás, que no Brasil era considerado trabalho de negro, a ser realizado quase única e exclusivamente por negros.

Essa concepção do trabalho braçal, artesanal e doméstico associada à cor da pele e à condição social inferiorizada do escravizado constituiu valores sociais que ao longo do tempo vêm servindo para ocorrência de preconceito social e racial. Na *Revista Ilustrada*, a existência dessa concepção foi percebida e exposta nas imagens litográficas do caricaturista Ângelo Agostini que, ao relacioná-las a fatos políticos, sociais e culturais do cotidiano oitocentista fluminense a imagens de negros escravizados, procurou despertar o interesse de seu público para todos os fatos relacionados ao negro, às desigualdades sociais e ao direito à liberdade, fosse essa física ou mesmo religiosa.

Importa ressaltar que, além de mostrar os negros executando suas atividades laborais, numa jornada de trabalho muito extensa, com alimentação precária que lhes prejudicava a saúde, sendo supervisionados por capatazes que, a serviço dos fazendeiros, tinham o dever de vigiar e puni-los fisicamente, caso estes cometessem qualquer ato que fosse considerado infração (lentidão no desempenho da tarefa a ele destinada, cochilos, conversas, reclamação etc.), o caricaturista insere a

imagem do negro em diversas situações de conflitos não diretamente a eles relacionadas, mas associadas a sua situação de servidão e ao atraso que essa representava para a renovação do pensamento ideológico da população.

Entretanto, são as imagens de negros acorrentados, amordaçados, sendo arrastados, açoitados ou assassinados por feitores de pele branca, as que mais atraíram o interesse dos abolicionistas e que despertavam a atenção daqueles que, aos poucos, impregnavam-se pelo desejo de conceder a emancipação a todos os negros escravizados. E, mesmo tendo transcorrido mais de um século, tais imagens são as que melhor impressionam todos aqueles que se sentem comovidos pela história do negro no Brasil, por demonstrarem afinidade à igualdade racial entre negros e brancos ou por terem consciência de que estão incluídos a essa história devido ao fato de serem descendentes dos negros escravizados e deles terem recebido o legado da desvalorização moral, cultural, da violência simbólica e corporal imposta aos escravos.

### **Diferentes imagens de negros disseminadas na *Revista Ilustrada* (1876-1888)**

Encontram-se estampadas nas páginas da *Revista Ilustrada*, charges como a intitulada "Cenas da escravidão patrocinadas pelo partido da ordem, sob o glorioso e sábio reinado de D. Pedro II, o grande", impressa nas páginas 4 e 5 do exemplar número 427 da revista, expõem atrocidades desferidas contra os escravos por bárbaros senhores escravocratas que mandavam enterrar escravizados vivos ou colocá-los em fornos incandescentes, bem como matar a pontapés desferidos contra a barriga, negras grávidas que não poderiam mais trabalhar por o momento de darem à luz estar próximo. Também, denunciam cenas de desespero nas quais os escravizados preferiam os mais horríveis suicídios (jogavam-se às rodas do trem em movimento e tinham os corpos quebrados em pedaços, cortavam o pescoço com estilhaços de vidro, afogavam-se em rios e mares) "à morte lenta e dolorosa por meio do chicote molhado em vinagre e areia, despedaçando-lhes as carnes" (*Revista Ilustrada*, 1886, nº 427, p. 4 e 5).

Vestígios de fatos reais, tais cenas têm como interlocutor da mensagem o público da revista para o qual as denúncias se dirigiam, bem como o Imperador D. Pedro II e João Maurício Wanderley, o barão de Cotegipe, que, naquele momento, era o chefe do partido conservador e presidente do Conselho de Ministros; para esse, o título das charges foi ironicamente direcionado. Nota-se que o artista atribui à omissão de um e de outro, as barbaridades cometidas contra os negros.

As denúncias e, principalmente as ideais e pensamentos de libertação disseminados na *Revista Ilustrada*, dialogam com os ideais abolicionistas vigentes na época ao mostrar que a escravidão constituía uma verdadeira mancha na história do país ultrajado e humilhado por fazendeiros ambiciosos que, motivados por interesses financeiros pessoais, impediam a emancipação dos negros

SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. Imagens de negros no Brasil oitocentista: *Revista Ilustrada* (1876-1898). In: Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 05. Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves. Maio/junho de 2018. ISSN 23581069

escravizados, forçando politicamente a manutenção do regime escravocrata, em detrimento do interesse da nação que deveria ser respeitada por sua grandeza territorial, pela união de seus filhos, pela convicção de honestidade e justiça, bem como pela implantação de uma prática de trabalho livre, aliás, única prática capaz de propiciar a humanização do negro, o desenvolvimento agrícola, industrial e cultural do Brasil.

Enquanto isso não ocorria, a *Revista Ilustrada* divulgou, conforme explicitado anteriormente, inúmeras imagens nas quais nos deparamos com as representações do negro exercendo diferentes papéis: o de vítima, subjugado às vontades e aos castigos impostos por seu senhor; o de revoltado, que se rebela com a situação de animalização que lhe é imposta, com os maus-tratos sofridos e que seria capaz de praticar a desforra contra os seus algozes, como mostram diversas imagens divulgadas na revista, dentre as quais a inserida na charge relacionada ao fato do cotidiano impressa nas páginas 4 e 5 do exemplar número 485, em que o artista gráfico, procurando alertar os escravagistas e o governo acerca dos prejuízos e perigos que a manutenção do regime escravocrata motivava inclusive a senhores de escravo, desenha um homem branco sendo açoitado por seus escravos e, em nota explicativa inserida logo abaixo da imagem, menciona: "Não teríamos o receio de ver, um dia, as cenas mudarem, e as vítimas aplicarem a pena de Talião aos seus algozes! É tempo que o governo encare está questão seriamente e dê acertadas providências" (*Revista Ilustrada*, 1888, nº 485, p.4 e 5).

Nas páginas da revista, encontra-se também disseminada a imagem do negro dependente, incapaz de gerir sua vida, devido à ausência de recursos financeiros e à fraqueza física adquirida como consequência dos longos anos dedicados ao trabalho forçado, como revela a imagem inserida em charge impressa na última página do exemplar de número 383, em que Ângelo Agostini apresenta ao público um negro desamparado, idoso, raquítico, desfalecido, com as pernas largadas ao chão e o corpo encostado a um tronco roliço que, apesar de ter raízes fincadas à terra, parece ter sido podado. O tronco está sem copa e é tão escuro quanto o homem, mas traz à frente o verde de algumas mudas. Tais mudas aludem uma provável esperança para o negro: a abolição da escravatura.

Vestido apenas com pedaço de pano surrado que lhe serve de bermuda, é possível observar, nitidamente, nesse negro desamparado, que os expressivos ossos de sua caixa torácica, bem como sua cabeça esmorecida sobre o corpo, denunciam a ausência de qualquer resquício de força. Acompanha a imagem uma nota explicativa que estabelece uma crítica direta ao projeto da lei do sexagenário discutido naquele momento pelo governo: "Já os velhos escravos podem morrer livres! Mas é livres (sic) de tratamento e no meio da estrada. Todo escravo maior de 60 anos será livre, disse o atual governo. É algum tanto desumano, mas sempre é um passo a favor da abolição" (*Revista Ilustrada*, 1884, nº 383, p. 8).

Além das imagens que têm por tema as situações aqui descritas, o negro aparece em charges impressas na revista como protagonistas de ações marginais, como elemento desprovido de graça, de vigor, de beleza, causador de mal-estar. Sua imagem é ainda conscientemente empregada como expressão de anticivilidade e de cultura primitiva por meio da sua representação em traje zulu.

Há, portanto, nas imagens de negro desenhadas pelo caricaturista Ângelo Agostini e disseminadas na *Revista Ilustrada*, a intenção de colocar em evidência traços marcantes de uma identidade esquecida, que nas charges do artista ítalo-brasileiro surgem impregnadas pela mensagem humorística, tendo como objetivo deleitar e suscitar no público diferentes pontos de vista, ou seja, assim como afirmou Romualdo (2000), ao discorrer sobre charges jornalísticas, nota-se que essas imagens de negros "não têm a intenção de promover uma única leitura, não abafam as várias visões em uma única. Sua força está [...] na pluralidade de visões que apresentam ao leitor" (p. 53).

Aquelas são imagens que possuem um caráter humorístico, uma forma supostamente ingênua e despreziosa. Mas, que se constituem recurso discursivo e ideológico de conscientização, pois exercem ao mesmo tempo várias funções: divertem, informam, denunciam e criticam as atitudes, os fatos e as personalidades que aludem.



Figura 1: *Revista Ilustrada*, 1880, nº 205, p. 5

Em imagem impressa na edição de número 205 da *Revista Ilustrada*, observa-se, por exemplo, que o negro, ou melhor, os negros que aparecem na charge exercem o papel de coadjuvantes da mensagem, tendo em vista que a crítica bem humorada é destinada ao governo brasileiro e ao comportamento assumido por homens que o compõem.

Tal charge traz alguns negros vestidos apenas com uma espécie de tanga branca, ressaltando ainda mais a sua pele preta e fazendo referência explícita à etnia zulu então existente na África do Sul, em territórios que atualmente correspondem a Lesoto, Suazilândia, Zimbábue e Moçambique, a SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. Imagens de negros no Brasil oitocentista: *Revista Ilustrada* (1876-1898). In: Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 05. Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves. Maio/junho de 2018. ISSN 23581069

qual se atribuía o conceito de povo primitivo e selvagem. Faz também referência aos primeiros habitantes brasileiros por meio do traje (cocar e saia de penas) com o qual o artista veste o representante do governo, provavelmente, Manuel Pinto de Souza Dantas (1831-1894), conhecido como Senador Dantas, autor do texto inicial do projeto da lei do sexagenário que, por não prever qualquer tipo de indenização aos proprietários de escravos, desencadeou uma série de protestos antes mesmo de ser apresentado à Câmara.

Antecedida por uma sequência de ilustrações em que o artista procura mostrar em imagens aproximadas a fisionomia natural das personalidades políticas satirizadas, essa charge alude, por meio de imagem e de nota explicativa a ela relacionada, a uma agressão realizada pelo senador ao celebre jornalista José do Patrocínio (1853-1905), sendo exatamente a nota que a acompanha o elemento que nos auxilia para elucidar o fato: "Essas cenas de selvageria não se dão somente ... lá pelo interior das províncias, nós também cá as temos na corte. Há dias, um selvagem municipal, acompanhado de alguns Zulus, atacou barbaramente um nosso colega" (*Revista Ilustrada*, 1880, nº 206, p. 5).

A identificação de José do Patrocínio e a do senador Dantas, presentes na charge, só foi possível graças ao cotejamento de fotos antigas disponíveis em diversos sites de instituições brasileiras de pesquisa, com caricaturas publicadas na revista, permanecendo como um enigma os motivos que causaram a divergência entre eles, bem como o provável ataque do Senador, já que não foram esclarecidos nas páginas da *Revista Ilustrada*. Importa ressaltar, entretanto, que é de conhecimento dos estudiosos do período em geral que tanto o Senador Dantas como o jornalista eram árdios defensores da causa abolicionista, mas apesar disso, discordavam em muitos assuntos e conceitos: antes da lei do sexagenário ser sancionada, abolicionistas como José do Patrocínio e Ângelo Agostini criticaram o projeto de lei por considerá-lo uma forma de retardar a abolição e pelo fato do projeto não prever nenhum tipo de auxílio ao escravo idoso que seria liberto provavelmente sem força para prover o próprio sustento. Todavia, após as discussões suscitadas pela lei e devido à reação rigorosa dos escravocratas que coibiram a sua promulgação, os abolicionistas que inicialmente eram contrários à proposta elaborada pelo senador passaram a defendê-la, considerando basicamente apenas os seus aspectos positivos, ou seja, o passo significativo a favor da libertação dos escravizados.

Retomando a descrição das imagens presentes na charge, observa-se que o artista ítalo-brasileiro apresenta dois tipos de negro, o selvagem em traje Zulu, já referido anteriormente, que de certo modo faz alusão ao negro brasileiro em estado de selvageria (escravidão) e o jornalista mulato, culto e livre, que aparece acompanhado por um colega branco, igualmente vestido com trajes de alfaiataria (casaca, colete e calça); este se assusta e recua diante da cabeçada do senador. Tal cena permite inferir que com essa charge, Ângelo Agostini esclarece ao público da revista que a cor da

pele, branca ou negra, não tornava o homem civilizado, pois, segundo se depreende de sua charge, para ser civilizado era preciso agir adequadamente, sem grosserias ou brutalidades.

Assim sendo, percebe-se que em suas charges divulgadas na *Revista Ilustrada*, Ângelo Agostini compartilha conceitos de igualdade e respeito ao negro que vão ao encontro dos discursos proferidos e redigidos por Joaquim Nabuco, inclusive opiniões por este defendidas em Londres, durante o período em que permaneceu no país como correspondente do *Jornal do Comércio*, advogado e consultor de firmas inglesas com investimento no Brasil. Ocasão em que declarou:

Quando ao Brasil, meu próprio país e meu lar, só posso repetir aqui o que já lhe disse: mesmo com a escravidão [...] Há homens negros na vanguarda em todas as carreiras [...] Alguns dos talentos mais brilhantes, em todos os tipos de superioridade intelectual, vêm da população negra (NABUCO apud BETHELL e CARVALHO, 2008, p. 179).

Importa ressaltar que as palavras de Nabuco representam parcialmente a realidade brasileira da época, tendo em vista que, se era possível encontrar no Brasil oitocentista, homens negros bem sucedidos à frente de todas as profissões, esta não era a regra: a discriminação à pele negra existia e se mantinha graças ao legado que a escravidão disseminava, sendo justamente contra a escravidão e a propagação desse legado que Joaquim Nabuco, Ângelo Agostini e os articulistas da *Revista Ilustrada* se opunham.

A atuação desses dois homens e de outros célebres abolicionistas – André Rebouças, Antonio Bento, José do Patrocínio, Luís de Andrade, Luís Gama, Sinzenando Barreto Nabuco de Araujo etc. – não impediu que a imagem do escravo fosse cada vez mais associada à opressão, prisão e inferioridade e, conseqüentemente, que o próprio negro passasse a ser sinônimo de raça inferior, sem merecimento.

Nas charges divulgadas na *Revista Ilustrada*, Ângelo Agostini se utiliza, propositadamente, dessa conceituação pejorativa acerca do homem de pele negra, como meio de polemizar com a situação socioeconômica e cultural brasileira, pois, segundo o pensamento defendido por ele na revista, a manutenção do regime escravocrata produzia muito mais vítimas do que poderia supor boa parte de seus contemporâneos.



Figura 2: *Revista Ilustrada*, 1880, nº 231, p. 4 e 5

Um exemplo de imagem polêmica desenhada pelo artista é a charge acima na qual a pele negra não representa a si mesma, ou seja, o indivíduo de cor negra, tendo em vista que nela o negro ganha conceituação muito mais ampla, associa-se à contextualização econômica, ao déficit de elaboração, planejamento e implantação de medidas de apoio à lavoura e à indústria.

Utilizando-se do estudo de Riani (2002), *Linguagem & cartum*, para refletir acerca do humor presente em tal imagem, é possível afirmar que ele se caracteriza como uma possibilidade de subversão à ordem estabelecida e aos fatos sociais, a partir da inserção de elementos que fazem com que o leitor reflita acerca de uma outra realidade possível para a sociedade brasileira da época.

Pertencentes à crônica ilustrada impressa em duas páginas seguidas (4 e 5) do exemplar de número 231 da revista, essas imagens contrariam ideais de políticos conservadores, de grandes fazendeiros escravocratas, bem como de todos aqueles que na época acreditavam que o Brasil deveria ser um país essencialmente agrícola, ao discorrer, por intermédio das gravuras impressas na página 4, sobre a necessidade de incentivar e estruturar o setor industrial. Nas duas ilustrações, o negro, ou melhor, a imagem de uma mulher negra é empregada para representar a lavoura nacional. Mas, enquanto na primeira essa imagem surge acorrentada, desfalecendo com o peso do país, personificado em um índio jovem que cai sobre a indústria branca igualmente jovem e despreparada para arcar com a responsabilidade de ampará-lo; na segunda, a lavoura é representada em um primeiro plano por uma mulher negra desprovida de encantos e instigadora de espanto que causa repulsa ao pequeno mariola, figura ícone da *Revista Ilustrada*, criada por Ângelo Agostini para exercer a função de repórter ficcional da revista.

Acompanha essa imagem grotesca da lavoura, outra imagem, branca, bela e jovem que causa admiração ao pequeno repórter. Logo abaixo da imagem, encontram-se as seguintes mensagens:

Zangam-se conosco, porque temos a franqueza de dizer que a nossa lavoura vista de perto é muito feia, muito velha e muito repugnante"/"Estão furiosos, porque nós



preferimos uma outra lavoura mais bonita, forte, robusta, fazenda, puxada a substância, e livre e desembaraçada (*Revista Ilustrada*, 1880, nº 231, p. 5).

A preferência do pequeno repórter pela jovem branca em uma leitura ou interpretação mais desatenta pode até ser simplesmente atribuída à preferência pela mulher de pele branca em detrimento da mulher de pele negra. Entretanto, tal preferência representa o desprezo pelo estado da lavoura nacional que era cultivada por homens e mulheres aprisionadas aos grilhões da escravidão, fato facilmente comprovado a partir da visualização do vocábulo "lavoura" inserido na saia da mulher negra (segunda imagem) e nas notas aqui comentadas, que foram inseridas pelo artista gráfico após a impressão das duas imagens.

Nelas, observa-se que, a ironia e o humor presentes utilizam o mesmo referencial para chamar a atenção do leitor, ou seja, vão ao encontro do que informou Paseti (1999), no texto "A ironia no discurso jornalístico", tendo em vista que se usam estratégias enunciativas que colocam em cena no discurso do locutor, responsável pela veiculação do enunciado, pontos de vista pelos quais esse não é responsável, mas que permitem estabelecer relações nas quais o contexto é visto como constitutivo do sentido irônico (p. 41).

Observa-se ainda que, mais do que uma simples denotação de cor, o negro, ou melhor, a mulher negra em tal charge simboliza a ausência de desenvolvimento social, econômico e intelectual do país, o qual, por sua vez, resulta da opressão imposta ao escravo. Na visão do artista abolicionista, o país só progrediria, conforme já ressaltamos neste texto, com a implantação da prática do trabalho livre, executado por homens e mulheres livres, independentemente do tom de sua pele (negra, parda, mulata ou branca), portanto, a imagem da mulher de pele alva, símbolo da lavoura e do tipo de trabalho desejado, representa a liberdade.

Em charges impressas em exemplares editados posteriormente, a alusão ao trabalho livre em detrimento ao trabalho escravo continuou sendo realizada, como mostram as imagens pertencentes à crônica ilustrada impressa nas páginas 4 e 5 do número 282 da *Revista Ilustrada*. Nessa, em meio às críticas dirigidas a ministros do império, tratados como verdadeiros bezerros que se alimentavam na grande vaca, figura utilizada pelo caricaturista para representar o tesouro nacional - que, segundo a crítica imagética divulgada na revista, era sustentado pela indústria, pela lavoura e pelo comércio -, o artista gráfico insere o homem negro executando atividade laboral, espantando novilhos para que estes não avancem sobre o leite ordenhado, bem como trazendo fardos pesados de produção, e, novamente, estimula a comparação do semblante da mulher negra com o semblante da mulher branca.



Figura 3: *Revista Ilustrada*, 1882, nº 282, p. 5 e 4

Conforme se depreende das imagens, o artista desenha as amas de leite brasileiras que, de acordo com nota por ele inserida na charge, eram negras "com caras de desmamar crianças", de modo depreciativo, com isso, mostra-se provocativo e irreverente para seu público, além de preconceituoso com relação à beleza da negra. Na mesma charge, valoriza a imagem da mulher branca, mãe de leite no estilo europeu, com touca e avental, "cujos seios alvos como a neve dão vontade de ... ser criança" (p. 5 e 4). Desta forma, assume para si uma visão etnocêntrica no que se refere às construções das imagens das mulheres (da negra e da branca) por ele desenhadas.

É justamente nessa postura assumida ou mesmo fingida pelo artista ítalo-brasileiro que se instaura a possibilidade de uma interpretação polissêmica da charge, na qual, em uma primeira hipótese, estaria o artista aproveitando a oportunidade para colocar em evidência sua preferência pessoal pela mulher de pele clara e em uma segunda hipótese, certamente a mais provável, mas nem por isso excludente, o artista estaria empregando tal preferência a favor da causa que defendia, ou seja, do próprio negro, tendo em vista que ao inserir a sua preferência pessoal proporções maiores do que realmente tinha, o artista provoca o riso e, ao mesmo tempo, constrange seu público, em particular o que se mantinha preso aos valores escravagistas para o qual o negro era considerado uma propriedade, uma coisa, um animal. Certamente, esse público escravagista se deleitaria com a charge, porém, seria forçado a refletir sobre ela, isso porque se via forçado a concluir que era no mínimo estranho ver imagem tão grotesca sair do lápis de um árduo defensor da causa dos negros como Ângelo Agostini.

É inequívoco que, na imagem, a aversão à negra aliada à recordação dela enquanto responsável pela amamentação materna da criança branca é o elemento empregado para constranger o público; tal elemento, posteriormente, é reforçado por meio de informação textual na qual o

ilustrador conclui que, apesar da fisionomia desagradável das negras, "somos obrigados a confessar que, a muito custo, os pais" conseguiam desmamar seus filhos (p. 4).

Importa mencionar que a imagem caricatural da negra ama de leite brasileira nos permite inferir, conforme já ficou explicitado, que na opinião de Ângelo Agostini, bem como da revista que editava, todos os fatos relacionados ao negro estavam interligados, resultavam ou possibilitavam fazer alusão à desigualdade social e às contradições presentes no regime escravocrata, considerado inaceitável pelos simpatizantes das causas abolicionistas, inclusive por ele libertador confesso, que iniciou a carreira na imprensa periódica brasileira, tendo como companheiros de redação antiescravagista como Sinzenando Barreto Nabuco de Araujo (1841-1892), irmão mais jovem de Joaquim Nabuco e Luís Gama (1830-1882), considerado o percurso do abolicionismo no Brasil.

Do mesmo modo, a imagem possibilita interpretar que, ao mostrar a atividade de prestação de serviço realizada pelas amas de leites, o caricaturista põe, novamente, a própria concepção de trabalho em voga na sociedade brasileira da época em debate, além de, é claro, debater a já destacada inconsistência de valores da aristocracia escravocrata.

As imagens de negros, impressas na *Revista Ilustrada*, também colocam em discussão a marginalização da raça, particularmente, do negro que lutava capoeira armado com navalha. Nessas, procura analisá-lo enquanto autor de ato ilícito, denunciando e julgando suas contravenções, pois, para os articulistas da *Revista Ilustrada*, o importante era denunciar os atos praticados pelos capoeiristas e não promover discussões paternais ou discriminatórias acerca da cor de sua pele, embora as imagens deem destaque a essa, por serem os indivíduos de pele negra os que dominavam a técnica da capoeira.

Na capa do exemplar número 174 da revista, por exemplo, a imagem do lutador de capoeira é associada ao soldado negro contratado para proteger a população. Segundo a revista, jornais do período vinham denunciando a existência de negros contraventores entre os guardas e, como nenhuma atitude havia sido tomada, homens considerados de bem seriam aprisionados:

Em toda parte do mundo engaiolam-se os criminosos; em breve será o contrário entre nós: é impossível que não haja um filantrópico maquinista inventando um meio de preservar a nossa pele e os nossos membros dos terríveis atentados que diariamente relatam os jornais. (*Revista Ilustrada*, 1879, nº 174, capa)



Figura 4 e 5: *Revista Ilustrada*, 1879, nº 174, p. 1 e 4

Nota-se na imagem da capa (primeiro quadro), um homem branco encolhido e assustado, dentro de uma gaiola de segurança, escondendo-se de um capoeirista armado com navalha que o vigia do lado de fora das grades. Este tem a sua frente, de pé e encostado na gaiola, um guarda negro que, aparentemente, está ali para verificar se o cidadão branco está realmente preso.

A presença do guarda, na ilustração, reforça a ideia de que havia graves problemas relacionados à segurança municipal, já que mesmo tendo ele por perto, o cidadão sente necessidade de se esconder na gaiola. Esta, por sua vez, funciona igualmente como elemento causador de controvérsias, tendo em vista que são os cidadãos brancos e de bem que nela se encontram e não os contraventores. Isso é observado tanto na imagem principal, ou seja, de maior destaque, como nas outras imagens presentes na página que dialogam com essa, completando o intuito satírico e de denúncia da charge.

Observa-se, ao fundo da página, outras gaiolas, todas contendo cidadãos aprisionados pelo medo que sentiam tanto dos infratores quanto, provavelmente, do guarda negro. Do lado esquerdo da imagem, vê-se claramente um homem engaiolado como se estivesse passeando pelas ruas da cidade protegido pela segurança das grades. Nas imagens inseridas no segundo quadro, retirada de charge impressa na página quatro do mesmo número (nº 174, p.4), o artista gráfico prossegue com a alusão à má conduta dos membros da guarda municipal: desenha soldados "espadeirando o respeitável público", exigindo que esse lhe pagassem o soldo e, em seguida, vestidos à paisana, "jogando capoeira, armados de navalhas" (p. 4).

Neste contexto, observa-se que a crítica não está direcionada ao regime de servidão imposto ao negro, e que Ângelo Agostini não está julgando o homem devido à tonalidade escura de sua pele,

o que ele coloca em discussão são os comportamentos criminosos dos capoeiristas e a ausência de soluções por parte do governo que contratava homens com pouca ou nenhuma qualificação para assegurar a ordem e manter a tranquilidade dos cidadãos. Ao invés de executarem adequadamente suas funções, esses homens, pouco qualificados, vinham assustando o cidadão de bem.

É importante enfatizar que composta por homens brancos, pobres e sem grande vigor físico, a guarda municipal fluminense da época havia contratado negros e mulatos livres para reforçar o quadro de policiais, dentre os quais, de acordo com charges e crônicas publicadas na *Revista Ilustrada*, havia agentes que sabiam lutar capoeira e que se utilizavam dessa habilidade para praticar delitos, bem como forçar (amedrontando e constringendo a população) o pagamento do soldo que lhes foi atribuído. Por esse motivo, nessa e em outras crônicas imagéticas divulgadas na revista, o ilustrador ressalta que era prática corrente da "excelente polícia", forma como ironicamente se refere aos soldados, transgredirem a lei e realizarem ações criminosas.

Tal fato justifica a opção do ilustrador de associar a imagem de guarda municipal, sobretudo dos negros, à figura marginalizada do capoeirista que, na época, era tido como sinônimo de contraventor/de infrator. Neste sentido, as imagens de negros presentes nessa charge são alegóricas, ou seja, representam, por intermédio de sua exclusão social, a desordem existente em setores que deveriam promover a ordem. E, é por meio dessas imagens que colocam em cena o negro capoeirista provocando delitos ou desenhado com sorriso no rosto, ginha no corpo e samba no pé, que o artista gráfico trata visualmente de forma satírica e, ao mesmo tempo, alegre de assunto tão adverso para os cidadãos do Rio de Janeiro, em particular, para os residentes no bairro de São Cristóvão, os quais são citados textualmente em crônicas impressas na revista.

## Conclusão

Finalizando este artigo, convém ressaltar que, ao longo do período em que se manteve em circulação, a *Revista Ilustrada* continuou divulgando charges criticando a atitude da guarda municipal e a dos negros capoeiristas, associando uma à outra, contudo, sem mesclar suas ações. Encontramos a prova disso nas imagens impressas no exemplar de número 281, nas quais o ilustrador volta a se referir ao perigo que os capoeiristas representavam ao cidadão brasileiro, destacando a insatisfação com a ineficiência dos guardas urbanos para contê-los, ademais, dá ênfase à proliferação dos números de capoeiras na cidade que contava com a presença de mulheres habilitadas na prática: "Até as pretas deram agora em capoeira! Naturalmente e para não se acabar a raça" (*Revista Ilustrada*, 1882, nº 281, p. 8).

Ressalta-se ainda que o tom jocoso da charge citada se instaura a partir da aparência descuidada da negra, com uma navalha na mão direita, sendo levada por dois urbanos brancos, bem SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. Imagens de negros no Brasil oitocentista: *Revista Ilustrada* (1876-1898). In: Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 05. Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves. Maio/junho de 2018. ISSN 23581069

como com o emprego do vocábulo "preta" para designar a mulher de pele escura, e atinge seu ápice com a imagem debochada do repórter ficcional da revista - segurando no colo um bebê negro que traz uma navalha presa ao cordão umbilical - isso sugere ao público a irônica possibilidade dos negros capoeiristas, então denominados de "ilustres assassinos", trazerem, ao nascer, "uma navalha pendurada no umbigo" (p. 8).

Considerando tais informações e descrições, conclui-se que, nessa e nas demais charges divulgadas na *Revista Ilustrada*, aqui descritas e/ou reproduzidas, que a intenção de provocar o riso está presente sempre que a revista apresenta o negro e a mulher negra como figura marginal para aludir atos de criminalidade ou para denunciar as ideias pejorativas então vigentes acerca do trabalho, bem como para denunciar a desordem cultural, política e social existente no país. Por outro lado, conclui-se também que quando as imagens de negros reproduzidas nas charges expõem diretamente o suplício do escravizado, não é encontrado nelas nenhum indício de comicidade. Mas, uma e outra, ou seja, tanto as imagens cômicas como as sérias e tristes constituem documentos históricos importantes, servindo como fonte para a reconstrução da contextualização histórica oitocentista brasileira, particularmente, no que se refere aos pensamentos e debates suscitados pela imprensa ilustrada abolicionista nas duas últimas décadas de escravização oficial do negro no Brasil.

## Referências

BAUBUJANI, Guido. *A invenção das raças. Existem mesmo raças humanas? Diversidade e preconceito racial*. São Paulo: Contexto, 2007.

BETHELL, Leslie e Carvalho, José de Murilo (orgs.). *Joaquim Nabuco e os Abolicionistas Britânicos: Correspondência 1880 – 1905*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

CORREA, Sílvio M. de Souza. "O negro e a historiografia brasileira". *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 1, p. 87-106, jan./jun. 2000.

FONSECA, Marcus Vinícius. "A arte de construir o invisível: o negro na historiografia educacional brasileira". *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas: São Paulo, n. 13, p. 11-50, jan. 2007.

LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1963. 5 volumes.

PASSETI, M. C. C. "A ironia no discurso jornalístico". In: S. I. de Vasconcelos (Ed.) *Os discursos jornalísticos: manchetes, reportagem, classificados & artigos* (pp. 7-60). Itajaí: Universidade do Vale, 1999.

*Revista Ilustrada*, revista semanal, literária e ilustrada dirigida por Ângelo Agostini. Rio de Janeiro: Tipografia de Paulo Hildebrandt. 1º de jan. de 1876 – agosto de 1898.

SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. Imagens de negros no Brasil oitocentista: *Revista Ilustrada* (1876-1898). In: Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 05. Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves. Maio/junho de 2018. ISSN 23581069

RIANI, C. *Linguagem & cartum...tá rindo do quê? Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba*. Piracicaba: Universidade Metodista, 2002.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charges jornalísticas: intertextualidade e polifonia: um estudo das charges da Folha de S. Paulo*. Maringá: Universidade Estadual, 2000.

Falas Breves